

# **Dionísio e o sacerdote asceta cristão: a perspectiva de uma nova humanidade na filosofia de Friedrich Nietzsche.**

Paulo Gomes da Cruz Junior

## **Resumo**

O presente trabalho analisa, sob a ótica da filosofia nietzschiana, a figura do deus Dionísio e sua relação com a formação de uma nova humanidade. Abordando como o caráter estético e natural que o deus representa fornece os elementos necessários para tal formação. A qual a cultura esteja em harmonia com os impulsos naturais. Além disso, considera-se ainda o personagem do Sacerdote Asceta Cristão, como principal empecilho na efetivação de tal humanidade, visto que o moralismo defendido por ele condena a natureza humana, relegando às normas morais e políticas o papel de corrigir ou melhorar a natureza da humanidade.

**Palavras-chave:** Nietzsche, Dionísio, sacerdote cristão, moral, nova humanidade.

## **Abstract**

This paper analyzes, from the perspective of Nietzschean philosophy, the figure of the god Dionysus and his relationship with the formation of a new humanity. It addresses how the aesthetic and natural character that the god represents provides the necessary elements for such formation, in which culture is in harmony with natural impulses. In addition, the character of the Christian Ascetic Priest is also considered as the main obstacle to the realization of such humanity, since the moralism defended by him condemns human nature, relegating to moral and political norms the role of correcting or improving the nature of humanity.

**Keywords:** Nietzsche, Dionysus, Ascetic Priest, moral, new humanity.

## **1. Introdução**

O presente trabalho possui como problema norteador a pergunta: de acordo com o pensamento nietzschiano, de que forma seria possível o surgimento de uma nova humanidade? Nossa hipótese é a de que o cultivo de uma nova humanidade na filosofia Nietzscheana se dá, ao menos em alguma medida, com a presença das artes poéticas e musicais, sobretudo aquelas que de alguma forma resgatam o elemento trágico da pulsão dionisíaca. A justificativa desta hipótese se

deve à pretensão de transvaloração da cultura moderna da qual as obras de Nietzsche são reflexo. Citamos como características da transvaloração nietzschiana: o reconhecimento das pulsões dionisíacas e a valorização do corpo na investigação filosófica. Tal transvaloração se dá de forma a revisitar aquelas produções artísticas gregas que servem de modelo para pensar o ser humano não bestializado, mas também não hipercivilizado, mas em harmonia com as pulsões dionisíacas, identificadas sobretudo na expressão do movimento, seja do corpo, seja das paixões, seja do intelecto. Já a valorização do corpo trata do reconhecimento deste como única fonte de princípios do conhecimento. Tal transvaloração se deve ao fato de desde Sócrates e Platão os filósofos terem considerado a sensibilidade como hierarquicamente inferior à inteligibilidade, o que culminou em dualismos como: mente-corpo, sujeito-objeto, Deus-natureza, entre outros. Entendemos que a crítica à modernidade desenvolvida por Nietzsche tem por motivo o niilismo provocado pela substituição do conhecimento trágico pelas ideias de hipervalorização da racionalidade, de um sujeito do conhecimento, progresso científico e da noção de liberdade.

No presente trabalho compreendemos ainda que a figura do deus Dionísio, para além de figura religiosa que serve de modelo para o cultivo da nova humanidade, serve ainda como personagem conceitual utilizado como ferramenta de crítica às ideias desenvolvidas pela modernidade: o racionalismo, o subjetivismo romântico, a objetividade científica e o moralismo. Portanto, analisaremos esta figura de forma a elucidar de que forma se dá a crítica de Nietzsche à modernidade, visto que é por meio desta crítica que serão criados os elementos adequados ao cultivo do novo humano.

Analisaremos também a figura do Sacerdote asceta cristão, pois entende-se que esse personagem representa um retardo ao surgimento de uma nova humanidade que tem por modelo o conhecimento trágico, pois sua moralização da vida decorrente de uma forma ascética de valoração nega os impulsos de vida, ressaltando um impulso político nocivo às diferenças. Compreende-se assim, que enquanto Dionísio é símbolo da vontade de vida, da natureza, dos instintos e da sexualidade presentes no ser humano, o sacerdote asceta cristão representa seu oposto, negando todas as qualidades dionisíacas, portanto da vida, com sua fabulação do pós-vida e moralidade (NIETZSCHE, 2017, p. 25).

Ressaltaremos também algumas das possíveis implicações políticas provenientes da negação com que o sacerdote asceta cristão dirige à existência, mais especificamente a relação que o sacerdote assume com as crenças pagãs. Em nossa perspectiva a imposição do culto à divindade através da conversão, da catequização e da evangelização dos povos pagãos são um projeto de domínio sobre os corpos de pessoas de culturas tidas como inferiores através da moralização. Tal dominação revela-se como sendo um dos aspectos fundamentais para o colonialismo.

## 2. A questão da formação da humanidade: domesticação ou cultivo?

Na seção VII de *O crepúsculo dos ídolos*, evidencia-se críticas à noção de melhoramento da humanidade. Segundo Nietzsche, as tentativas de melhoramento são na verdade pretensões morais de “amansar” a “besta” homem para que estes sejam dominados com mais facilidade (NIETZSCHE, 2017, p.41-43). Os exemplos utilizados pelo filósofo são: os dos sacerdotes cristãos com o novo testamento e dos sacerdotes indianos com a lei de Manu. Apesar de fazer certa menção elogiosa à moral indiana, caracterizando-a como uma moral do cultivo em oposição à moral da domesticação cristã, Nietzsche afirma que com o sistema de castas indianos também se forma certa moral de domesticação, mesmo que seja direcionada exclusivamente à uma determinada casta: os chandalas. No entanto, considerando o fato de ser feita uma menção elogiosa à tentativa de melhoramento da humanidade por parte dos indianos, seria possível afirmar que no pensamento nietzschiano há uma tentativa de melhoramento da humanidade? Não seria o cultivo da humanidade uma das preocupações das obras do autor de Zaratustra? E sendo o cultivo uma das preocupações de suas obras, poderíamos afirmar que Nietzsche propõe uma espécie de melhoramento da humanidade, mesmo que distinto daqueles que por ele foram apontados? Seriam as figuras do gênio, do espírito livre e do além do homem exemplos de “melhoramentos” da humanidade por meio do cultivo? Mais ainda, o que diferencia o cultivo do além do homem do cultivo da moral indiana?

Há de ser reconhecido uma preocupação com o cultivo humano no pensamento nietzschiano, pois escritos como *Schopenhauer como educador* e *Sobre o futuro de nossas instituições de ensino*, além dos capítulos 4 e 5 de *Humano, demasiado humano* tratam da formação do homem, com o objetivo de cultivar um senso estético capaz de se antepor à concepção de cultura como oposição à natureza e divinização do gênio. Vejamos, portanto, a diferença do cultivo pensado pelos indianos daquele proposto por Nietzsche. Podemos encontrar em *Humano, demasiado humano*, uma passagem que indique tal diferença. Nela Nietzsche afirma o seguinte:

Quem não passou por diversas convicções, mas ficou preso à fé em cuja rede se emaranhou primeiro, é em todas as circunstâncias, justamente por causa dessa imutabilidade, um representante de culturas *atrasadas*; em conformidade com esta ausência de educação (que sempre pressupõe educabilidade), ele é duro, irrazoável, incorrigível, sem brandura, um eterno desconfiado, um inescrupuloso, que emprega todos os meios para impor sua opinião, por ser incapaz de compreender que têm de existir outras opiniões (...) (NIETZSCHE, 2005, p. 267)

Na presente passagem, observa-se a valorização do perspectivismo e importância da dissonância de opiniões para a educação dos homens. Divergindo, portanto, da concepção de moral prescritiva do cultivo indiano. Se a moral indiana recomenda que sejam seguidos os valores estabelecidos por determinada casta, os escritos de Nietzsche defendem a mudança de perspectivas, a experimentação e criação de valores como meios de elevação cultural.

Segundo nossa concepção, a defesa de um pluralismo de perspectivas a serem experienciadas com o fim de desenvolver a cultura ou os indivíduos, em Nietzsche, se dá com a valorização da dissonância musical e musicalidade da poesia lírica. O motivo para tal, se deve ao potencial criativo que estas artes possuem. O elemento dissonante é justamente aquele que possibilita o desenvolvimento de uma outra expressão, seja ela musical, literária ou filosófica.

Foi justamente a cultura poética grega, da qual a tragédia representa o desenvolvimento máximo, a maior ferramenta de formação grega. Daí a importância do resgate do trágico. No entanto, o resgate do trágico pensado inicialmente por Nietzsche não seria exatamente com a poesia, mas pela arte da música: “Que ninguém procure enfraquecer nossa fé num renascimento vindouro da Antiguidade helênica; pois somente nela reside nossa esperança de renovação e purificação do espírito pela magia de fogo da música” (NIETZSCHE, 2020, p. 111).

Para que entendamos o renascimento da cultura trágica precisamos nos indagar sobre os aspectos de formação que possibilitaram o surgimento da cultura trágica. Além disso, faz-se necessário o apontamento da ausência destes aspectos na formação moderna. O primeiro aspecto da formação grega que pode ser reconhecido é o da presença da arte em suas distintas manifestações. Desde a arquitetura até a tragédia, evidencia-se o uso da arte na formação dos helenos de maneira integral. O motivo da presença da arte desde as construções dos templos e edifícios das cidades gregas, até na habilidade oratória, se deve ao fato da necessidade de uma sublimação dos impulsos gregos para a consumação da educação do cidadão da *pólis*. Nietzsche identifica a necessidade de superação do naturalismo e intelectualismo por meio da educação.

Essa observação lança luz sobre o ponto de vista que defendemos, a saber, de que o melhoramento nas obras de Nietzsche é pensado enquanto embelezamento da natureza humana, na medida em que se cria artifícios artísticos que ultrapassam o desenvolvimento natural, forçando a natureza a adquirir novas formas. Daí segue, o famoso exemplo da arquitetura que segundo Nietzsche e Schopenhauer, embeleza na medida em que a vontade triunfa sobre a gravidade (NIETZSCHE, 2017, p.56). Nesse contexto, algo que é importante de ser ressaltado é a incorporação desta compreensão de educação para o comportamento humano, de forma que inclusive os gestos dos indivíduos não sejam mais naturais, mas aprendidos. A importância da incorporação da cultura nos gestos e na fala dos indivíduos se deve ao fato de a beleza não se desenvolver espontaneamente na natureza, sendo necessário um cultivo de artifícios embelezadores para a humanidade. Daí o tom exortatório dos escritos nietzschianos para com os helenos, pois são eles que serviram de modelo para toda a cultura elevada, até então. Segundo Nietzsche, a educação não se deve dar com a sedução da alma, mas pelo treino do corpo:

Uma mera disciplina de sentimentos e pensamentos não é quase nada (— nisso está o

grande mal-entendido da formação alemã, que é totalmente ilusória): deve-se convencer *o corpo*. A estrita manutenção de gestos significativos e seletos, a obrigatoriedade de viver somente com pessoas que não ‘*se deixam ir*’, bastam perfeitamente para alguém se tornar significativo e seletos: em duas ou três gerações tudo está *internalizado*. É decisivo, para a sina de um povo e da humanidade, que se comece a cultura no lugar *certo* — não na ‘alma’ (como pensava a funesta superstição dos sacerdotes e semisacerdotes): o lugar certo é o corpo, os gestos, a dieta, a fisiologia, o *resto* é consequência disso... por isso os gregos permanecem o *primeiro acontecimento cultural* da história — eles sabiam, eles *faziam* o que era necessário. (NIETZSCHE, 2017, p.81)

Tal concepção de cultura se deve em muito à importância dada ao corpo como princípio da investigação filosófica. Essa concepção tem sua origem na filosofia da vontade de Schopenhauer. Em *O mundo como vontade e como representação* é dito que o corpo é objeto imediato da vontade. Por meio daquele, se conhece esta. No processo de negação da vontade Schopenhauer descrevera os procedimentos ascéticos com o fim de atingir a negação da vontade (SCHOPENHAUER, p.441-443). dessa forma, a negação do corpo implica uma negação da vontade, bem como uma afirmação do corpo implica uma afirmação da vontade.

Segundo nossa concepção, é por intermédio do fenômeno do dionisíaco que a defesa de uma educação do corpo se fará necessária para o cultivo dos indivíduos. Uma vez que a dissonância musical é entendida como afirmação das dores, capazes de produzir novas formas de sensibilidade. Desse modo, a dissonância dionisíaca afirma a desenvoltura do corpo. se aproxime o conceito de dionisíaco com o conceito schopenhaueriano de vontade e este, por sua vez, se revele como estando em relação com o corpo, afirmar o dionisíaco seria afirmar o corpo e a vontade. A compreensão de que o ser humano, assim como todo vivente é o resultado de múltiplas forças antagônicas, atuando num mesmo organismo, ou seja, num mesmo corpo, se dá, em Nietzsche, desde o seu *O nascimento da tragédia*, com a elaboração dos conceitos de dionisíaco e apolíneo. Para além de definir as funções das artes plásticas, artes sonoras e das artes mistas, os conceitos de apolíneo e dionisíaco relacionam-se também com fenômenos fisiológicos concernentes a todo ser vivo. Já no capítulo IX de *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche irá empregar os termos apolíneo e dionisíaco como estando em relação direta com uma certa fisiologia da produção artística, defendendo a embriaguez como estado típico da produção artística, seja uma embriaguez da visão para as artes plásticas, seja uma embriaguez de todo o sistema afetivo como é o caso das artes não figurativas (NIETZSCHE, 2017,p.55).

Mas o que propriamente seriam os conceitos de apolíneo e dionisíaco? E de que forma estes conceitos se relacionam com um cultivo da humanidade? Qual a relevância destes conceitos para a formação na contemporaneidade?

A definição de apolíneo e dionisíaco podem se dar de diferentes formas, principalmente porque esses conceitos têm diversos desdobramentos nas obras de Nietzsche, seja em sua crítica da arte, da moral, da política, ou em sua crítica à metafísica. Nos deteremos sobretudo nas suas

considerações acerca das implicações artísticas e políticas dos conceitos de apolíneo e dionisíaco.

Esses dois conceitos se referem primeiramente à condição de embriaguez, ou seja, de uma superexcitação, que antecede a produção artística como anteriormente dito. Uma vez que o apolíneo é compreendido como uma embriaguez própria do sentido da visão que é entendida principalmente pela analogia com os sonhos, como exposto em *O nascimento da tragédia*. Enquanto que o dionisíaco se revela como uma superexcitação de todos os sentidos, sendo que deve ser compreendida principalmente como a capacidade de afetação que a música tem sobre o corpo, bem com a exteriorização desta afetação através da arte da dança (NIETZSCHE, 2020, p.28).

Compreendemos ainda que a superexcitação do artista apolíneo tem por finalidade a geração de imagens por intermédio do uso das formas e das cores de modo a desviar o olhar do espectador das dores do mundo, o que gera o efeito contemplativo no espectador que Schopenhauer entendia como sendo causado pela suspensão temporária da vontade no mesmo (SCHOPENHAUER, 2015, p. 233). Surge então, por intermédio da arte apolínea, uma alegre tranquilidade perante a aparência causada pelo *principium individuationis*. Em contrapartida, com a arte dionisíaca da música há uma dissolução do indivíduo e do *principium individuationis*, e uma revelação da crueza da realidade, seus movimentos violentos de composição e dilaceração das imagens, num devir constante. Na arte da música, as imagens formadas por cada nota são efêmeras, sendo substituídas e diluídas no decorrer da melodia.

Ressaltamos ainda, o papel formador que os sonhos possuem na construção cultural dos artistas e espectadores sensíveis à arte. Pois através dos sonhos estes se preparam para enfrentar a vida, seja em seus acontecimentos mais agradáveis, seja nos acontecimentos mais desagradáveis (NIETZSCHE, 2020, p.22). Essa é a explicação, segundo Nietzsche, do porquê os gregos terem criado para si os deuses olímpicos, que nada mais são do que o reflexo da capacidade onírica daquele povo. Este universo onírico dos deuses olímpicos serviram como matéria prima para a arte poética na Grécia antiga. Notemos que a poesia grega distingue-se ao menos em duas grandes tendências: a poesia épica e a poesia lírica. Em linhas gerais, a poesia épica caracteriza-se pela consolidação da formação de imagens apolíneas de modo a criar uma narrativa.

Por sua vez, a poesia lírica, caracteriza-se pelo estado musical que antecede a produção de imagens. A poesia lírica surge então como arte que une os elementos da música com as imagens escritas ou faladas, para um desvelamento do mundo segundo a performance do poeta (NIETZSCHE, 2020, p.37-38) Ademais, segundo a metafísica de artista defendida por Nietzsche em *O nascimento da tragédia*, a invenção onírica dos deuses olímpicos, matéria prima da poesia grega, teve um papel importante na superação daquilo que ficou conhecido como sabedoria do Sileno. Pois com a poesia, seja épica ou lírica, os gregos contrariavam aquela máxima segundo a qual a melhor

coisa para o ser humano seria nunca ter nascido e a segunda, tendo nascido, morrer o mais rapidamente (NIETZSCHE, 2020, p.29-30). Com a poesia épica, o indivíduo se refugia da máxima de Sileno por meio da contemplação de inumeráveis imagens. Já na poesia lírica, o indivíduo contempla a transitoriedade das imagens segundo a dinâmica da música, visto a relação entre poesia e música na lírica.

Com a análise da poesia lírica, Nietzsche iniciará o desenvolvimento de uma tese que se esclarece completamente em sua análise da tragédia. Segundo essa tese, os temas representados naquelas artes seriam os sofrimentos de Dionísio, sendo este deus o único a ser representado nos palcos por intermédio de imagens apolíneas (NIETZSCHE, 2020, p.61-62). Dionísio sendo responsável pela dissolução do indivíduo, nas artes poéticas é individualizado por meio do *principium individuationis*, falando por meio do artista. O poeta lírico e o artista trágico revelam-se como *médiuns* entre Dionísio e o mundo, expressando por meio de seus lamentos e alegrias, estados concernentes ao ser humano como um todo (NIETZSCHE, 2020, p.40). O *principium individuationis*, atuando sobre o uno primordial, revela-se como o fenômeno de Dionísio assumindo máscaras apolíneas para representar seus diversos estados de espírito, desde a alegria primaveril, até a tristeza e dor invernal. Por meio desta tese nietzschiana compreende-se aqueles que foram os principais objetivos de *O nascimento da tragédia*: a compreensão de que o helenismo representou um estágio de decadência da força do espírito dionisíaco grego, a anterioridade da música na arte trágica, a relação dos gregos com o pessimismo e a possibilidade de elevação cultural na Alemanha por meio do desenvolvimento dos impulsos artísticos, sobretudo da música.

Vemos então a importância da música no pensamento de Nietzsche, mas a que se deve tal importância? Para tanto, vejamos que já em Schopenhauer a arte das musas adquire um lugar de destaque, sendo a arte que mais se aproxima da vontade. Enquanto as demais artes são representações de objetivações da vontade — representações de representações, ou imitação da imitação em Platão —, a música é representação da vontade mesma. Além do que, através da análise das composições musicais compreendemos que a música representa o ciclo de objetivação da vontade em representações que logo perecem. Tal compreensão revela o ciclo da vida e o devir dos seres que eternamente se geram e se corrompem.

Dito isso temos então que, em Schopenhauer, a música serve de formação para o filósofo, por revelar a maior das verdades capazes de serem apreendidas pelo sujeito do conhecimento: a existência e funcionamento da vontade. Tal fato revela-se em sua celebre frase: “música é um exercício oculto de metafísica no qual a mente não sabe que está filosofando” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 306). Além do mais, pelo fato da música representar a essência íntima da vontade, esta, por meio da melodia, trata do conjunto das paixões humana, não de uma paixão singular referente a um

indivíduo, mas no tocante ao conjunto do gênero humano”. (SCHOPENHAUER, 2015, p. 300).

Ademais, é justamente esta concepção metafísica de música que será reivindicada por Nietzsche em seu *O nascimento da tragédia*, com a adição do conceito de dionisíaco para representar a anterioridade da música em comparação com as artes figurativas. Tanto na poesia lírica, quanto na tragédia, a música é responsável pela elaboração das imagens, seja por meio de objetos que elucidam a paixão a que está submetido o poeta, seja pelo personagem máscara de Dionísio, que se depara com seu eventual fim, na tragédia. No entanto, enquanto a metafísica schopenhaueriana tem por conclusão a defesa de uma visão pessimista de mundo que induz o indivíduo a negar este mundo, a metafísica de artista elaborada em *O nascimento da tragédia* não compreende o pessimismo grego como sendo negativo, mas afirmativo com o mundo e suas dores. Assim, finalmente, o pessimismo grego, segundo a concepção afirmativa de mundo, mostra-se como responsável pelo florescimento da cultura grega, tendo a arte o papel de embelezar e tornar digna a vida dos gregos. Isto porque, de acordo com a metafísica de artista: “somente como *fenômeno estético* a existência e o mundo se acham eternamente *justificados*” (NIETZSCHE, 2020, p.40). Daí termos duas concepções divergentes da natureza daquele que foi o ápice do desenvolvimento da arte poética grega: a tragédia.

A primeira concepção de tragédia a que nos referimos é aquela descrita na seção 51 de *O mundo como vontade e como representação*. Na concepção em questão, a tragédia tem por objetivo a exposição do aspecto cruel e terrível da vida. Nela, vemos representada a implacável vitória do destino para com o indivíduo. O herói trágico representa a condição mísera na qual o ser humano encontra-se submetido, não importando o quanto tente se libertar da crueldade do destino, no fim, esse destrói a todos. Segundo Schopenhauer, a representação trágica revela a sombriedade da existência, atribuindo à existência aspectos negativos como: crueldade, miséria, sofrimento, desespero e etc. No entanto, esses aspectos negativos da existência revelam-se na tragédia como conhecimento que atua como *quietivo* da vontade.

Ocorre, portanto, que a tragédia enquanto conhecimento mais elevado da essência do mundo, produziria a renúncia da vontade no espectador, atuando como tranquilizador no indivíduo contemplativo. Assim sendo, os heróis trágicos, segundo Schopenhauer, expiam a culpa da existência, negam em si a vontade de vida e sobretudo, revelam a contradição da vontade consigo própria (SCHOPENHAUER, 2015, p.292-294). Esta concepção do fenômeno trágico tem por consequência a defesa de um pessimismo negativo, uma espécie de pessimismo que tende a negar a vida, por compreendê-la como sendo terrível e hostil para com o ser humano. Dessa forma, é importante salientar que, a concepção de pessimismo negativo também acaba por moralizar a vida e torná-la culpada pelo sofrimento do indivíduo. Por conseguinte, podemos notar sinais desta

moralização na seguinte passagem de *O mundo como vontade e representação*: “os heróis não expiam os seus pecados individuais, mas o pecado original, isto é, a culpa da existência mesma (SCHOPENHAUER, 2015, p.294)”. Observamos que através de palavras como *culpa* e *pecado*, Schopenhauer insere em investigações estéticas e epistêmicas, categorias morais que acabam por condenar a vida, ao atribuir a ela a crueldade anteriormente mencionada.

Na concepção que se segue, que podemos nomear a de um pessimismo afirmativo, compreende-se a inserção do fenômeno dionisíaco nas considerações acerca dos objetivos e efeitos da arte trágica e da filosofia da vontade. Deleuze em seus escritos sobre Nietzsche defenderá que o ponto de distinção da filosofia de Nietzsche para a de Schopenhauer se deve à compreensão da vontade como sendo plural na concepção do primeiro, enquanto que o segundo se detém na unidade da mesma (DELEUZE, 1976, p.6). Segundo esta noção, o pessimismo negativo consiste na negação dos sofrimentos pelo caráter unitário da vontade. Por sua vez, a afirmação de tais dores implicaria na imediata compreensão de que a vontade é múltipla. Isto porque a segunda consideração entende a vontade como atuando não sob a estrutura do corpo, mas relativamente com outras vontades.

Assim, podemos dizer que para Schopenhauer a arte trágica revela, em grau mais elevado de objetivação da vontade, a condição de sofrimento do ser humano e conseqüentemente a negação da vontade de vida, para Nietzsche ela revela a ânsia de dor para afirmação exaltada da vontade de vida. Tal compreensão se deve à inserção de Dionísio na análise da arte trágica como anteriormente mencionado: “Dionísio é apresentado com insistência como o deus *afirmativo e afirmador*. Ele não se contenta em “dissolver” a dor num prazer superior e suprapessoal, ele afirma a dor e dela faz o prazer de alguém” (DELEUZE, 1976, p.9). Em Nietzsche, a dor acaba por assumir um aspecto criativo, visto que é por meio da afirmação das dores de Dionísio que os novos valores são criados. A metáfora da dor do parto revela, intuitivamente, a necessidade de extração de algo novo originado das dores do mundo. Como exemplo, temos que na tragédia, o Prometeu de Ésquilo extrai a maior alegria no castigo a que é submetido sempre que os seres humanos identificam em Zeus um tirano. Para além do exposto, temos a consideração de que os sofrimentos dos heróis trágicos representados nas tragédias são apenas máscaras que fazem referência à dor primordial de Dionísio. Temos assim, o papel instrutivo de Dionísio para o indivíduo grego.

Enquanto que a tradição filosófica até então estabelecida, considerou o papel de Apolo no que concerne à influencia na cultura grega de modo acentuado, relegando ao culto de Dionísio um papel marginal na formação daquele povo, Nietzsche defende a existência de uma disputa entre estas duas forças em solo grego, havendo maior ou menor predomínio de um ou de outro, sendo assegurado o direito de existência da força opositora. É somente com o advento da concepção estética socrática que a existência da força dionisíaca será ameaçada (NIETZSCHE, 2020, p.70). A

oposição entre apolíneo e dionisíaco revela-se aparente, pois as contínuas dissoluções das quais são alvo as imagens apolíneas, revelam a interioridade da força dionisíaca, que se exprimem pelas aparições apolíneas no *principium individuationis*. Com o advento do socratismo e o predomínio da dialética a transitoriedade das imagens apolíneas formadas e dissolvidas pela força dionisíaca, são condenadas como não possuindo realidade. Como consequência, tudo aquilo que é mais caro ao deus Dionísio será alvo da acusação socrática de irrealidade. Desta maneira, os sentidos, as paixões, a intuição e coisas análogas, serão acusadas de serem enganosas visto apresentarem-se como incertas e confusas ao espectador dialético (NIETZSCHE, 2020, p.72).

No entanto, o predomínio da dialética socrática representou um período bastante posterior da história antiga, um período de decadência como defendido por Nietzsche (NIETZSCHE, 2017, p.14-15). O conhecimento predominante até então foi o conhecimento trágico e a defesa do vir-a-ser da natureza. Remontemos então a esse período para que se compreenda o papel formativo do deus Dionísio, deus que Nietzsche reivindica como sendo seu mestre em *Crepúsculo dos ídolos*.

Como anteriormente exposto, em o *Nascimento da tragédia*, temos a consideração de que os sonhos possuem um caráter instrutivo para o indivíduo esteticamente sensível. Do mesmo modo, compreendemos que o êxtase musical possui um caráter instrutivo para o indivíduo em questão. Se consideramos o aforismo 10 do capítulo intitulado *Considerações de um extemporâneo*, de *Crepúsculo dos ídolos* – na qual Nietzsche define os impulsos artísticos do apolíneo e o dionisíaco enquanto estados de embriaguez, sendo o apolíneo a embriaguez do sentido da visão e o dionisíaco uma embriaguez do conjunto inteiro dos sentidos – chegaremos à certeza de que não somente o apolíneo e o sonho (a maior expressão da embriaguez apolínea manifestada na natureza) servem de instrução para o sujeito, mas também o êxtase musical dionisíaco. O indivíduo esteticamente sensível contempla no mundo dos sonhos o reflexo das imagens de sua experiência acordado, preparando-se assim para lidar com as adversidades da vida quando desperto. Vemos então que o aspecto imagético apolíneo que se manifesta sobretudo com a realidade onírica, de alguma forma, é responsável pelo desenvolvimento da atividade contemplativa e reflexiva do sujeito. Igualmente, o êxtase musical acentua a capacidade do sujeito de percepção sensível do mundo, o que o leva a atingir de forma imediata, um estado de compreensão de sua unidade com o mundo e seu pertencimento ao mundo, principalmente de seu pertencimento à natureza, através da relação da melodia com as paixões. Com a embriaguez dionisíaca a dissolução das convenções sociais que diferenciam um ser humano do outro é dissolvida, possibilitando ao indivíduo a experiência de uma outra percepção do mundo, mais ligada à sensibilidade (NIETZSCHE, 2020, 14-25)

Ressaltamos também as implicações políticas às quais estão ligados os conceitos de apolíneo e dionisíaco, além de considerar as formas pelas quais se relacionam com a formação pretendida por

Nietzsche. Já no *Nascimento da tragédia*, evidenciamos a relação feita por Nietzsche de que o deus Apolo representa o impulso civilizatório do ser humano, principalmente no que tange à sua caracterização como deus moralizador. Segundo esta consideração, desde a Grécia antiga, Apolo representou a ligação do ser humano com a civilização, a moralidade, tudo isto por meio do uso da capacidade racional do ser humano (NIETZSCHE, 2020, p.112-113). É por meio do desenvolvimento do intelecto que a disposição à vida política e moral foram acentuadas no ser humano. Daí a valorização do deus délfico ter sido tão cara à filosofia da antiguidade à modernidade. Em Nietzsche vemos que a hipervalorização das características ligadas ao deus do sol teve por consequência o fenômeno do niilismo europeu. A valorização excessiva da razão, da moralidade, da civilização, teve como consequência o afastamento do ser humano da sensibilidade, daquilo que é comumente conhecido como “mundo natural”. Nietzsche identifica o niilismo, em alguma medida, como o fenômeno pelo qual os valores criados não se assentam de forma alguma no mundo da efetividade, mas na negação deste mundo para a valorização de um mundo imaginário, fabuloso, fictício.

De acordo com as considerações de *O Nascimento da tragédia*, o dionisíaco pode ser entendido como expressão de um impulso incivilizado, imoral e irracional. Enquanto Apolo forma e conserva as imagens hierárquicas da vida social por meio da moralização e racionalização da vida, Dionísio dissolve estas imagens e revela a ligação dos homens entre si por meio do estado de embriaguez, demonstrando a interdependência dos diversos elementos da natureza. Com o deus Dionísio se dá o reconhecimento da animalidade e naturalidade do humano, daí a caracterização de Dionísio como sendo bárbaro (NIETZSCHE, 2020, p.34). Consideramos que com a explanação e caracterização do deus Dionísio como figura que encarna os valores dos impulsos irracionais, imoralistas e naturalistas, é realizada uma denúncia da forma de ser humano castrador de suas pulsões.

Uma vez que se considere a máxima deleuziana de que o princípio da filosofia da natureza consiste numa “pluralidade de forças agindo e sofrendo (...)” (DELEUZE, 1976, p.6 ) e associe-se ainda a filosofia da natureza de Nietzsche ao dionisíaco, chega-se à conclusão de que, em certa medida, o caráter plural da existência se deve a uma dada tensão do impulso dionisíaco. Enquanto que se associarmos o impulso apolíneo ao caráter representativo e ao *principium individuationis*, teremos como consequência que a unidade proveniente da abstração do que há de diferente nos objetos se deve ao estabelecimento do impulso apolíneo.

Em nossa perspectiva, a caracterização dos impulsos apolíneo e dionisíaco, enquanto impulsos da medida/igualdade e impulso da desmedida/diferença respectivamente, desdobra-se no fenômeno político de modo a caracterizar a civilização, o bem comum e a vontade geral enquanto

abstrações das diferenças entre os sujeitos políticos. Na perspectiva em questão, haveria na política a valorização da igualdade e da medida em detrimento da diferença e da desmedida.

Além do que, em aforismos como o 235 de *Humano, demasiado humano*, constata-se na filosofia de Nietzsche uma perspectiva contrária às premissas iluministas, de que as reformas políticas seriam capazes de resolver os problemas humanos. Revelando uma profunda suspeita nas grandes propostas políticas de sua época, a saber o conservadorismo, o liberalismo, o socialismo e o anarquismo. Sendo assim, faz-se mister questionar até que ponto o desenvolvimento da política é capaz de contribuir para a formação humana.

Já no capítulo quinto de *Humano demasiado humano*, Nietzsche afirma que o bem-estar de um Estado perfeito “(...) destruiria o terreno em que brota o grande intelecto, e mesmo o indivíduo poderoso” (NIETZSCHE, 2005, p.149). Isso porque o desenvolvimento dos indivíduos e mesmo da sociedade se realiza na medida em que uma determinada degeneração ou privação impulsiona o corpo do indivíduo ou o corpo da sociedade a desenvolver habilidades capazes de compensar seu debilitamento:

Em geral, todo progresso tem de ser precedido de um debilitamento parcial. As naturezas mais fortes *conservam* o tipo, as mais fracas ajudam a *desenvolvê-lo*. – Algo semelhante acontece no indivíduo; raramente uma degeneração, uma mutilação ou mesmo um vício, em suma uma perda física ou moral, não tem por outro lado uma vantagem. O homem doentio, por exemplo, numa estirpe guerreira e inquieta, poderá ter mais ocasião de estar só e assim se tornar mais tranqüilo e sábio, o caolho enxergará mais aguçadamente, o cego olhará para o interior mais profundamente, e em todo caso ouvirá com mais apuro (NIETZSCHE, 2005, p.142-143)

Ademais, a degeneração pode ser causada propositalmente com vistas a desenvolver novas habilidades no indivíduo. Superando-se assim, o naturalismo. Como é o caso de todo processo educativo pelo qual os seres humanos são submetidos. De acordo com os capítulos quarto e quinto de *Humano, demasiado humano*, à educação é exigido o atendimento de duas condições necessárias para a formação de indivíduos singulares, quais sejam: o aprendizado da cultura já produzida, seguido da busca por diferenciação e registro de sua singularidade no mundo por meio do uso metamorfoseado da cultura anteriormente produzida.

Considerando a debilidade da política no cultivo da diferença, defendemos que a filosofia nietzschiana aposta na capacidade de realização deste cultivo por meio da arte. Ressaltamos ainda a importância das artes da poesia e da música no cultivo em questão, visto a capacidade que estas artes possuem em expressarem os movimentos da vontade, na mesma medida em que produzem diferentes representações que logo são substituídas.

Sendo assim, no mundo contemporâneo, onde a humanidade se apresenta como cada vez mais política e economicista, o desenvolvimento do sujeito passa a ser o desenvolvimento de habilidades pragmáticas relacionadas ao processo de produção maquinal, o que o leva ao

distanciamento do ócio, da contemplação e por fim ao não desenvolvimento daquelas habilidades ligadas à humanidade e que são meios de registrar as singularidades dos indivíduos, quais sejam: as artes, as ciências e a filosofia, em síntese, o mundo da cultura. Como resultado desse afastamento do homem ao que é tipicamente humano, temos que a aproximação do gênero humano com a cultura, acaba por se dar de uma maneira superficial por meio do consumo e em momentos de alívio do cansaço causado pela atividade laboral não criativa, ocasionando a formação de homens genéricos. Por fim, temos como consequência deste processo que o uso da religião, da arte, da ciência e da filosofia se dão de forma extremamente utilitária e irrefletida, com o objetivo de continuação do igual, impossibilitando o surgimento das diferenças.

Concluimos que de algum modo podemos encontrar nos escritos nietzschianos uma espécie de proposta de embelezamento da natureza humana, divergindo assim das propostas de adestramento e cultivo apontadas em *crepúsculo dos ídolos*. Concebemos o seu *Nascimento da tragédia* como um texto que lança alguns apontamentos do “melhoramento” nietzschiano que serão desenvolvidos no decorrer de suas obras, sendo o Zaratustra um dos pontos altos deste desenvolvimento, visto ser ali que Nietzsche produz a maior singularidade de suas obras, visto a combinação da escrita literária com a filosófica para exposição de seu pensamento. Ressaltamos como instrumentos desse embelezamento a arte, sobretudo a música e a poesia, formas estéticas que tendem a suprir a carência de registro de diferenças própria da política.

### **3. O “melhoramento” cristão: a domesticação do homem pelo sacerdote asceta cristão.**

Se os deuses olímpicos tiveram um papel formador no que concerne à cultura da antiguidade, o deus Judaico-cristão não foi diferente na história da humanidade. No entanto, a formação grega diverge em muito da formação cristã, o que nos leva às questões a respeito de quais seriam as características, os meios e os fins que orientam essa formação, além de suas consequências. Para tanto, neste capítulo, nos ocuparemos primeiramente da caracterização da formação cristã, para que possamos realizar a devida distinção da formação grega e mesmo da formação proposta por Nietzsche. Em seguida, ressaltaremos os meios pelos quais se dá a formação cristã. Por fim, elucidaremos as finalidades referentes à tal formação.

É importante ressaltar que assim como a formação grega contou com as figuras dos seus heróis e deuses olímpicos para fornecer os ideais formativos (éticos e estéticos) (NIETZSCHE, 2020, p.30-31) que os gregos deveriam seguir, o catolicismo cuidou de fornecer as figuras dos santos que deveriam ser exemplos para os fiéis. Sendo assim, enquanto no capítulo anterior o deus Dionísio foi tido como modelo da formação por nós evidenciada, no capítulo que se segue trataremos de evidenciar o oposto de Dionísio, o Sacerdote Cristão, como modelo da formação

cristã.

No capítulo anterior vimos que, em seu *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche distingue dois tipos de formação moral, por cultivo e por amansamento. Vimos também que a formação grega se caracteriza pelo cultivo, que objetivava embelezar a natureza humana através da criação de artifícios para seus modos. Em *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche afirma ser o cristianismo um exemplo de formação domesticadora, o que nos leva a indagação dos motivos pelos quais seja caracterizado desta forma.

No contexto de dissolução do mito trágico e do politeísmo greco-romano, com o advento da concepção cristã na idade média, a figura do Sacerdote cristão ganha destaque na busca de tentativas de trazer alívio para aqueles tormentos que afligem os seres humanos. Na antiguidade, tais tormentos foram tratados de modo a tornar os indivíduos mais corajosos, através do enfrentamento das aflições. Porém, o sacerdote cristão, segundo Nietzsche, tratou tais problemas de outras formas e com outras intenções. Diferentemente do mito trágico e da sabedoria dionisíaca, o sacerdote cristão não tem por objetivo tornar seu público mais resiliente às dores da existência, ou fazer com que esses desejem as sensações atormentadoras por intermédio de representações artísticas. Segundo Nietzsche, um instinto curandeiro, negador das dores existenciais atuou através do sacerdote asceta a fim de instaurar uma autovigilância e autodisciplina nos sofredores (NIETZSCHE, 2009, p.109). Para tanto, o sacerdote necessita fazer de seus seguidores os mais dependentes de alívios possíveis, daí suas práticas ascéticas. É por intermédio da constante repetição de práticas ascéticas que o sacerdote “desvia o olhar” das dores da existência para pequenos intervalos de tranquilidade:

O alívio consiste em que o interesse do sofredor é inteiramente desviado do seu sofrimento – em que a consciência é permanentemente tomada por um afazer seguido de outro, e em consequência resta pouco espaço para o sofrimento (NIETZSCHE, 2009, p.115).

A esses pequenos intervalos de tranquilidade se liga o ato de criação de um pós-vida, pois somado às repetições de práticas ascéticas, a contemplação da ficção de um pós-vida repleto de tranquilidade causa uma sensação de alívio que inclusive justifica as dores do sofredor no momento presente. Com isso se dá uma negação dessa vida e dessa realidade, pois essa passa a adquirir um aspecto injusto, não digno de ser vivido, ilusório se comparado aos benefícios da ficção de um pós-vida repleto de gozos. Com o alívio oriundo das práticas ascéticas e da promessa de uma vida livre de qualquer perturbação, o sacerdote cristão domina seus fiéis, pois esses veem em seu líder a corporificação da garantia de uma tranquilidade futura.

Compreende-se que a capacidade de criação do pós-vida cristão coincide com aquela capacidade onírica apolínea de criação de imagens anteriormente descritas. No entanto, a

capacidade onírica grega pode ser descrita como afirmativa, visto que os gregos afirmaram seus valores e exaltaram a vida por intermédio de sua criação onírica dos seres olímpicos. Por outro lado, na cultura cristã, a criação onírica pode ser descrita como negativa, visto que o imaginário cristão de seres divinos e demoníacos tem por objetivo a condenação do mundo sensível e das dores em função de um ideal.

Nesse ponto, fica claro o uso feito pelos cristãos de uma metafísica que busca combater culturas de valores “terrenos”, especialmente ligados ao corpo expressa em suas festas de celebração da fertilidade da natureza. Da mesma forma, que os gregos criaram seus deuses, os cristãos criam as imagens de um messias redentor, de um paraíso prometido aos “bons” e dos santos a serem copiados pelos fiéis. No entanto, se entre os gregos, a criação dos deuses olímpicos visava justificar suas vidas, seus costumes, torná-los dignos de existir, entre os cristãos a criação de sua mitologia torna indigna a vida e suas dores. Os santos, no geral, são aqueles homens e mulheres que dedicaram suas vidas ao ascetismo, combatendo os indícios da natureza em si por meio de Jejuns, retiros, castidade entre outras práticas.

Dessa forma, todo o reino do natural é condenado, visto ser fonte de inquietação e de pecado. Vale ressaltar que o conjunto dos seres de mitologias pagãs que estão intimamente ligados às forças da natureza, são associados pelos cristãos aos aspectos que devem ser condenados e combatidos.

Já na *Genealogia da moral*, as designações “bom” e “mau”, estiveram associadas às qualidades detidas pelas aristocracias, entre elas qualidades de caráter referentes às classes guerreiras, como bravura. A partir do momento em que se inverte a valoração e a torna condenatória para com as nobrezas — tal como a moral cristã propõe —, as qualidades tão prezadas pelas raças guerreiras, são tidas igualmente como condenáveis e sinônimo de maldade. Com esta inversão, possibilita-se a valorização do não-egoísmo e esmagadora opressão da sociedade para com o indivíduo. Tal fenômeno dá indícios da hipervalorização da civilização, decorrente, em sua maioria da expansão territorial de um dado Estado. Para que se impeça a desagregação de tal Estado, faz-se necessário a exageração dos vínculos do indivíduo para com o grupo, ou seja: sua subordinação e repressão de seus interesses. Enquanto os vínculos do indivíduo para com os grupos se davam de forma orgânica antes do surgimento ou expansão do Estado, estando o grupo propiciando ao indivíduo o atendimento de seus interesses, após tal mudança, o indivíduo se vê submetido a uma força que lhe é estranha. Neste sentido, entendemos a “domesticação” cristã como tentativa de mudar a natureza passional, interesseira e egoísta do homem, combatendo o individualismo e exacerbando um coletivismo através da moral do desinteresse.

Como resultado desta inversão do modo valorativo temos que o ser humano à mercê das peripécias do destino ou da sorte (*Fortuna* para os latinos), é responsabilizado pela sua condição de sofrimento com a intenção de ser submetido a uma forma de organização política anteriormente estabelecida.

Enquanto a formação grega ocupou-se de enobrecer a natureza humana embelezando seus costumes através das artes, na formação cristã houve uma espécie de enfeamento do humano (). Com o advento da igreja aquilo que era valorizado pelo mundo antigo foi invertido e tornado errôneo. Enquanto nos cultos de deuses como Dionísio, Afrodite, Eros, Deméter e Saturno, era celebrado a sexualidade, não só humana, mas de toda a natureza — sexualidade esta que inclusive aproximava o humano do natural, como descrito no capítulo anterior —, com o advento do ascetismo cristão a sexualidade torna-se sinônimo de maldade, impureza, pecado. Toda a preocupação com os cuidados e com a fruição do corpo foram tidos como fruto da maldade. O pecado é então inventado com a intenção de “amansar”, de “domesticar”, aqueles povos guerreiros, tão ligados à natureza.

Após o reconhecimento do cristianismo pelo império romano, a formação passa de um desenvolvimento das capacidades dos seres humanos para um refreamento e controle constante de seus atos e pensamentos, formando assim uma consciência culpada pelo próprio funcionamento natural do corpo. Desta forma, se traduzimos as colocações anteriores nos termos nietzschianos teremos que: o indivíduo formado segundo os preceitos cristãos se encontra imerso nas imagens apolíneas formadas pela vida social incapaz de conviver harmonicamente com seus impulsos dionisíacos, o que o leva à condená-los.

Com a segunda dissertação de *Genealogia da moral*, compreendemos que o surgimento do cristianismo marcou a predominância de uma concepção responsabilizadora do ser humano, oriunda principalmente da noção de livre-arbítrio. O indivíduo é compreendido como apartado de seu contexto histórico-cultural, além de suas necessidades fisiológicas, para que seja responsabilizado por eventuais transgressões a ele anteriormente estabelecidas:

Por muito e muito tempo, esse gregos se utilizaram dos seus deuses precisamente para manter afastada a ‘má consciência’, para poder continuar gozando a liberdade da alma: uso contrário portanto, ao que o cristianismo fez do seu deus (NIETZSCHE, 2009, p.76)

É importante frisar que o “amansamento” e “domesticação” descritos não se dão de forma espontânea e que portanto existe o interesse de uma figura que se beneficia com tal domesticação. Tal figura é o sacerdote asceta cristão. De acordo com Nietzsche, seu interesse é o de enfraquecer aqueles que naturalmente se mostram fisicamente mais capazes de sobrepujá-los e seu benefício é o de dominá-los sem recorrer às capacidades físicas. Temos como conclusão que a formação cristã

caracteriza-se pelo combate ao natural no ser humano, às suas paixões e coisas afins para que este se torne suscetível à dominação do sacerdote cristão. Concluimos também que o meio pelo qual essa dominação se dá é a moralização da vida, portanto, o desenvolvimento de uma consciência culposa nos indivíduos, aquilo que Nietzsche chamou de “má consciência”:

(...) ávido também de remédios e narcóticos, o homem termina por aconselhar-se com alguém que conhece também as coisas ocultas – e vejam! ele recebe uma indicação, recebe do seu mago, o sacerdote ascético, a *primeira* indicação sobre a causa do seu sofrer: ele deve buscá-la *em si mesmo* (...)” (NIETZSCHE, 2009, p.121)

Na medida em que afirma sua vida o sacerdote asceta cristão cria uma série de imagens fictícias nas quais seus valores são afirmados em oposição ao mundo natural. A visão de mundo do sacerdote asceta cristão se revela enquanto uma metafísica do pós-vida. O sacerdote cristão, por sua vez, revela-se como sendo um agente metafísico responsável por desenvolver a má consciência (evangelização e catecismo) no máximo número de pessoas, levando a culpabilidade e responsabilidade (livre-arbítrio) ao animal homem. Desta forma, as antigas figuras divinas que correspondiam às forças naturais e aos elementos da vida social são substituídas por ficções místico-religiosas referentes a um além, quase sempre, senão sempre, expresso em um dualismo que reforça ainda mais o distanciamento do mundo natural (Corpo e Alma, Mundo e Paraíso, Necessidade e Liberdade, etc.).

Identificamos então um movimento dialético próprio da concepção cristã, mas que tem suas origens no platonismo. A oposição platônica entre mundo sensível e mundo inteligível é substituída pela oposição terra e paraíso, ou mesmo inferno e paraíso. No entanto, se a dialética platônica estava a serviço do rei filósofo, a dialética cristã está a serviço da hierarquia sacerdotal cristã. Enquanto Platão com sua dialética e racionalismo condena à marginalidade e propõe a exclusão dos poetas e demais artificies de sua República ideal, a igreja condena não somente as figuras anteriormente citadas, mas também os pensadores seculares e homens da ciência. Como resultado, temos que por mais que os filósofos tenham se afastado da instituição igreja após o renascimento, estes ainda se utilizam daquelas concepções condenatórias para com o corpo, tais como ascetismo, universalismo e racionalismo.

Apesar das particularidades de cada doutrina, tanto no platonismo quanto no cristianismo a arma de dominação é a mesma: a moralização da realidade. Ambas as doutrinas recorrem ao caráter civilizatório de Apolo e nele se resguardam da natureza perturbadora do mundo. A consequência do moralismo platônico se revela enquanto tirania da razão e domínio das narrativas pelo filósofo. Já com o cristianismo, a consequência se revela como tirania da fé e domínio de narrativa (principalmente em forma de crença religiosa) pelo sacerdote cristão. Em última instância, o domínio do sacerdote cristão revela sua brutalidade materialmente na política, principalmente em

forma de evangelização. A evangelização dos padres e pastores cristãos é o instrumento de doutrinação em que os sacerdotes impõem aos indivíduos não-cristianizados uma formação, pela qual estes devem se reconhecer como pecadores, para que mudem suas crenças e seus modos de vida de maneira forçada. Com a evangelização, a igreja católica estendeu seus domínios por sobre toda a Europa, após o fim do império romano. Posteriormente, a evangelização foi utilizada para garantir o domínio das potências europeias nas colônias americanas, africanas e asiáticas.

A atualidade da filosofia nietzschiana pode ser evidenciada na medida em que esta revela o pano de fundo psicológico com o qual a dominação do Sacerdote Cristão se efetiva, demonstrando o que faz com que aqueles indivíduos na maioria das vezes mais numerosos, se submetam ao domínio de um grupo visivelmente menor, abdicando de suas práticas, autoviolentando seus corpos e contrariando suas vontades. (NIETZSCHE, 2009, p.69)

Se nos indagarmos por quais meios o sacerdote cristão dissemina suas ideias veremos que a formação cristã conta com a sacralidade dos textos bíblicos para exercer sua dominação. Isto porque a sacralidade de um texto implica um domínio das narrativas, uma vez que qualquer outro texto é tido como profano ou até herético. Como consequência da sacralidade dos textos bíblicos num mundo cristianizado temos a domesticação da humanidade e consequente empobrecimento das perspectivas culturais, na qual não se lê nada que fuja dos preceitos das escrituras, ou mesmo lhes contradiga. Esta sem dúvidas não era a realidade do mundo helênico, onde os poetas (principais responsáveis pela formação do imaginário popular grego), dispunham de uma liberdade de atribuir aos deuses e heróis características distintas umas das outras, tal como Nietzsche nos relata em *Humano demasiado humano*, quando este afirma que Homero e os demais poetas gregos, bem como os renascentista, Shakespeare e Goethe foram em certa medida irreligiosos (MM/HM, 125).

Esta liberdade na consideração e trato para com o divino se deve em muito ao caráter politeísta da religião, isto porque com a existência de inumeráveis deuses se constata a existência de diversas forças, caracteres e consequentemente de distintas narrativas em disputa. A qualidade enaltecida por Nietzsche que se faz presente naqueles poetas é a de “digerir” diversas narrativas e manter-se acima destas:

O pensamento em torno do qual aqui se peleja, é a *valorização* de nossa vida por parte dos sacerdotes ascéticos: esta (juntamente com aquilo a que pertence, ‘natureza’, ‘mundo’, toda a esfera do vir a ser e da transitoriedade) é por eles colocada em relação com uma existência inteiramente outra, a qual exclui e à qual se opõe, *a menos* que se volte contra si mesma, que *negue a si mesma* (...) (NIETZSCHE, 2009, p.98).

Enquanto que as qualidades da formação cristã criticada pelo filósofo do eterno retorno são as de culpabilização do homem, da moralização da vida e da natureza e da sacralização da história dos hebreus, fazendo das vontades e valores dos antigos sacerdotes judeus expressas nos textos bíblicos, as únicas concepções de mundo a serem consideradas pelos fiéis (NIETZSCHE, 2009,

p.126).

Num primeiro contato, pode parecer um tanto tendenciosa a afirmação que a moralização tenha relações com o monoteísmo judaico-cristão, além de implicar em certa intolerância religiosa. No entanto, Freud em sua obra intitulada *Moisés e o monoteísmo*, relata o desenvolvimento de intolerância e perseguição religiosa entre os antigos egípcios, decorrentes de tentativas de implementação de uma religião monoteísta pelo faraó Amenófis IV (FREUD, 1966, p. 33). Além do que, Freud relata também que o crescimento de uma tendência à hipervalorização de um deus sol com características éticas e cívicas, resultaram nas tentativas de criação de um deus único e universal no Egito antigo (*ibidem*), sendo inclusive atribuído aos egípcios as pré condições que resultaram no deus dos hebreus. Somado a isto, é ainda apontado pelo pai da psicanálise, que a tendência ao universalismo e monoteísmo na religião egípcia, evidencia-se enquanto reflexo de condições imperialistas que se encontravam em expansão naquele dado momento (FREUD, 1996, p. 34).

A semelhança da descrição de um culto, no qual a hipervalorização de um deus solar que encarna os valores cívicos leva a uma conseqüente negação das demais divindades egípcias e que culminou em tentativas de implementação de religiões monoteístas a serviço do Estado, com a hipervalorização feita por Sócrates do deus Apolo — deus igualmente símbolo da racionalidade e da moralidade —, indica uma relação causal entre o fenômeno político do surgimento ou expansão de um Estado com o defesa do universalismo e monoteísmo na religião. Evidenciamos ainda mais esta relação quando analisamos como a expansão do império romano no século III propiciou o desenvolvimento do pensamento neoplatônico.

Relaciona-se à análise do monoteísmo egípcio e judaico, feita por Freud, a defesa de que o impulso que se lança nas esferas religiosas, quando centralizados, conseqüentemente resultam em ações intolerantes para com outros grupos ou indivíduos, tal como evidenciado em seu *Psicologia das massas e análise do eu*. Nesta obra, Freud afirma que duas massas artificiais se destacam por sua coerção ao indivíduo na tentativa de impedir de serem dissolvidas ou sofrerem modificações em suas estruturas: o exército e a igreja (FREUD, 2022, p.79). Segundo Freud, o motivo dessa intolerância não se evidenciar de forma tão violenta como em séculos anteriores, se devem “ao enfraquecimento dos sentimentos religiosos e das ligações libidinosas que dele dependem” (FREUD, 2022, p.89). Neste sentido, temos que as investigações psicanalíticas reforçam a ideia de que uma ligação impulsiva, mesmo afetiva, na arte (caso das obras nietzschianas), bem como na ciência (caso das obras freudianas e nietzschianas pós *O nascimento da tragédia*) tendem a diminuir a ligação direta do indivíduo com a esfera política e religiosa, conseqüentemente a intolerância e perseguição aos indivíduos provenientes destes campos de conhecimento.

De acordo com o que foi exposto neste capítulo, concluímos que a formação cristã, na medida em que fortifica os impulsos apolíneos racionalistas e moralistas, tende a formar uma imagem ideal de ser humano político, na qual determinada organização social é imposta. Somado a isso, é de nossa concepção que a filosofia de Nietzsche revela a necessidade de sublimação dos impulsos de vida através das manifestações artísticas, para resguardar as diferenças individuais da tirania do igualitarismo político. Desta forma, podemos afirmar que a expulsão dos poetas na República de Platão, nos fornece exemplo de como o instinto político (ou cívico) do moralista tende a condenar e se antepor ao instinto de vida dos artistas. A formação política ou moral, é apontada então por nós como nociva aos homens, se não contrastada com o perspectivismo de uma formação estética. No entanto, o simples uso utilitarista de um ou outro elemento artístico vinculado a uma formação moralista do homem não deixa de ser insuficiente para sua formação integral, visto que em sua maioria, o uso utilitarista da arte tende a servir como intensificador daquele impulso político e não ao pluralismo do impulso artístico e de vida.

Como resultado deste uso utilitarista das artes, temos o desenvolvimento da intolerância e estabelecimento de uma forma de pensar única que contribuem para o estabelecimento de políticas imperialistas, colonialistas e expansionistas.

### **Conclusão**

Considerando o que foi exposto no decorrer deste trabalho, concluímos que para que a formação de uma nova humanidade seja efetivada na contemporaneidade, faz-se necessário a retomada de um modelo de formação por intermédio das artes, sobretudo das artes da poesia e da música, pois somente por meio destas, a formação lógico racional adquirirá um caráter sensível. Para tanto, no pensamento de Nietzsche, o deus Dionísio serve como tal modelo, uma vez que permite, por intermédio das artes e do mito trágico, refinar a sensibilidade humana. Constatando, assim, o pertencimento do humano ao mundo natural do qual a razão tende a se distanciar, seja pela elaboração das crenças religiosas, seja pelas formulações de normas morais e políticas, seja pelo desenvolvimento das leis e teorias científicas. Além do mais, a identificação do deus Dionísio com o barbarismo auxilia o leitor de Nietzsche com a compreensão de que as forças cívicas tendem a ser opressoras com determinados grupos ou com indivíduos que se distanciam da concepção de mundo amplamente estabelecida.

Desta maneira, o irracionalismo inaugurado pela filosofia da vontade desde Schopenhauer, descreve a primazia e veracidade dos instintos em relação à razão. Com a filosofia nietzschiana, no entanto, esta anterioridade dos instintos em relação à razão revela de que forma os seres humanos se apegam a determinados valores, ideias, concepções de mundo e etc., cabendo assim, à atitude

filosófica crítica, conseguir distanciar-se de avaliações parciais que possam surgir de envolvimento instintivos (inconscientes) com os objetos analisados. Para isto, a teoria psicanalítica serve de complemento imprescindível ao pesquisador que se interessa por compreender os aspectos psicológicos que se apresentam em torno do fenômeno da cultura, inclusive o motivo pelo qual o ser humano cria as obras culturais, a sublimação de seus impulsos em obras de arte, científicas e filosóficas.

Por fim, com as considerações apresentadas, entendemos que a moralização da vida oriunda da concepção cristã tende a falsificar a análise de tudo aquilo que concerne ao ser humano, uma vez que não se avalia o ser humano pelo que se revela concretamente, ao invés disso, se considera o ser humano pelo que ele deveria ser segundo a moral predominante. Como consequência, entendemos que a moral cristã tende a impedir o surgimento de novas tendências culturais, uma vez que esta tende a medianizar o homem, exigindo que este não ultrapasse os limites daquilo que já foi estabelecido anteriormente pelo discurso religioso.

### **Referências bibliográficas**

DELEUZE, Guilles. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Ruth Joffily e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1976.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre, L&PM, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das letras, 2017.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Humano demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das letras, 2020.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo, Editora Unesp, 2015.